

Creche de Benguela em dia de festa.

BENGUELA

Crianças vindas da mata

QUANDO vejo as imagens e oiço as notícias acerca do número de crianças vindas das matas para os acampamentos de refugiados e zonas de aquartelamento, fico a tremer. São muitos milhares. 70% das pessoas são crianças, falam. A pergunta brota espontaneamente: — Que fazer por elas? Todos os dias o mesmo aguilhão para não adormecer. Falo e escrevo para não adormeceres também. Falta-lhes tudo! Quem sabe? Tu e

os teus filhos tendes mais que tudo o que é necessário para viver. Devemos estar sensíveis. É sinal de que temos vida e muitas morrem, todos os dias.

Está ali também o futuro de Angola. Grandes desafios são lançados: a comida para tanta gente, a maior parte em estado avançado de subnutrição! Vou acompanhando com muito interesse os carregamentos de géneros alimentares dirigidos aos grupos mais débeis. Para muitos é tarde demais.

Contudo, não se pode desanimar. É a hora de fazer tudo o que é possível para salvar as vidas em perigo muito grande. Aos de perto e aos de longe é dirigido o apelo urgente. Noutras partes do mundo, por desgraça, há aflições iguais ou semelhantes. Estas estão mais perto de nós. Sentimo-las mais e, por isso, lançamos o clamor juntamente com todas as almas de boa vontade. Outro desafio são os cuidados com a saúde: Assistência médica e medi-

ENCONTROS EM LISBOA

Criminalidade juvenil

NAS voltas a que me obriguei, a umas vou com prazer, a outras vou porque tem que ser e não posso dizer que não. Faz parte da cruz e, no caminho, muitas vezes me interrogo se haverá ressurreição. Numa dessas voltas, tive que ir à Polícia.

Enquanto decorriam as diligências próprias dos actos policiais, o comissário de investigação criminal meteu conversa e desabafou, querendo saber a minha opinião. Contou que está nesta vida há quinze anos. Quando começou a criminalidade juvenil era a partir dos dezasseis ou dezassete anos. Eram casos bem tipificados, conhecidos por todos os polícias, com percursos estabelecidos e também com métodos mais os menos identificáveis. Há uns anos para cá, a criminalidade baixou para as faixas etárias dos catorze aos dezasseis anos. Aparecem em grupos, quase como cogumelos. Variam de grupo rapidamente. Utilizam métodos sempre renovados. E surpreendem porque actuam por toda a cidade, embora haja zonas de maior incidência como os Centros Comerciais, o Metro, as estações de comboios e Metro, as zonas de diversão. A cidade passou a ter demasiados locais propícios à prática da criminalidade.

Numa procura de perceber, fomos aventando algumas hipóteses, aparecendo como que uma sociedade impessoal, sem interligações dos diferentes sectores, em que os adolescentes são as presas fáceis.

Com efeito, no momento da adolescência, em que o jovem precisa de grande apoio não só afectivo, mas também de modelos, encontra-se, por vezes, entregue a um conjunto desconexo de entidades que raramente colaboram, nomeadamente a família, a escola e o trabalho. O adolescente fica só, incapaz de gerir por si as interligações, aparecendo-lhe como solução a fuga em frente, desviando-se para zonas que lhe dão prazer e se cria uma certa irresponsabilidade e impunidade e onde, juntamente com os seus pares, encontra alguma receptividade e também onde pode ter algum peso participativo e criativo.

Continua na página 4

TRIBUNA DE COIMBRA

Interrogações quando termina um ano lectivo

NEM sempre encontramos respostas fáceis para a situação de cada rapaz. Preocupa-nos que muitos terminem o primeiro ciclo com uma idade já a rondar os 14 anos e até mais. É que muitos deles chegam a nossa Casa sem nenhuma escolaridade ou com altos níveis de absentismo escolar. Andavam por lá entregues a si mesmos. De modo que a transição para o segundo ciclo ou seguintes já vai com esta anormalidade acompanhada de outras lacunas de aprendizagem que não foram superadas. Alguns, nem pensar no ensino regular... E as respostas em termos de continuidade são exíguas. Por outro lado os currículos alternativos têm evidenciado muitas fragilidades e algum sentimento, ainda que inconsciente, de exclusão. Apesar de tudo não deixam de ser uma saída para que os «menos hábeis» possam alcançar a escolaridade obrigatória.

Outra dificuldade prende-se com o ambiente escolar. Sabemos que a indisciplina reinante tem a ver com o tecido mais vasto da sociedade em que os nossos jovens vivem: A influência dos meios de comunicação social, os conflitos familiares, as carências sócio-económicas que muitas famílias sentem, a degradação das relações inter-pessoais. A Escola é uma espécie de censor de tudo isto. Mas as respostas também têm oscilado, contentando mais o permissivo e populista até por se revelarem mais cómodas para o próprio Estado. Temos observado as dificuldades que os professores sentem na aplicação da legislação referente a sanções disciplinares. Há dificuldades de compreensão e diálogo entre a Escola e Família, nesta matéria. Sente-se uma certa falta de

Praticando o Bem

Agentes da Providência

NÃO era uma carta. O sobrescrito trazia somente um pequeno papel branco, rasgado de um formato A4 e altura de dez centímetros, aproximadamente.

Dir-se-ia uma pequena mensagem acompanhada de um cheque de duzentos euros.

Assinatura ilegível e o número de assinante 67835.

Ver o correio, não digo abrir pois quem o rompe é normalmente o Fernando Dias, provoca um alvoroço constante e agradável.

A comunicação feita com simplicidade, nas cartas escritas de coração aberto e confiante cavam-nos na alma convicções profundas de que, o Senhor

é o melhor caminho — o único caminho para a comunhão, e de que as promessas feitas a quem tudo deixa, para O seguir: cem por um e a Vida eterna, se experimentam já, num prazer e numa paz indiscutíveis!...

Daqui brota a atracção pelo correio!...

«Prezados agentes da Providência: — Começa assim a curtíssima mensagem; e, continua para terminar: — Gostaria que a presente quantia fosse para a obra de Angola».

Não me lembro de alguma vez ter sido tratado por «agente da Providência»!... Não me lembro!

Mas!... Gostei muito.

O vocativo retrata bem a missão e a vida dos Padres da Rua e fá-lo da forma mais ampla, como define a das

camarentosa. É necessária a doação de muitas vidas para salvar milhares de outras.

É preciso que as crianças se sintam amadas. Como há-de ela amar se não for amada? A quem pode amar se não encontra acolhimento? E que valem as pessoas se não se amam umas às outras? Comem-se. Matam-se. Que dizer dos homens quando não fazem

Continua na página 3

senhoras que se dão a Deus, através dos pequeninos e dos rapazes de que se fazem mães, na Casa do Gaiato.

Não fazemos outra coisa, nem nos preocupamos com mais nada, senão agir em nome de Deus, e, do jeito mais fiel à imagem do Seu Filho Jesus: — pobres servindo os Pobres; de graça, porque de graça recebemos.

Este foi o mandato de Jesus aos Seus discípulos: Levar bem vivo em seus corações a certeza clara de que cada homem faz parte d'Ele, «quase um ser divino».

Toda a pregação do Reino dos Céus, nos Evangelhos se pode resumir neste recado: sede agentes do amor do Pai.

Foi uma manhã muito atrapalhada. Como se não bastasse a vida da Casa, apareceu, cedinho, uma senhora dos seus quarenta anos a quem a Casa do Gaiato tinha ajudado: — Que o marido lhe dera, esta noite, uma grande sova,

Continua na página 4

Continua na página 3

Pelas CASAS DO GAIATO

Conferência de Paço de Sousa

UMA DOENTE — Naquele dia, a meio da tarde, fomos por aí fora entregar nas mãos duma Pobre a sua casa já retocada.

Ela estava atendendo o afilhado, na salita d'entrada, já com outra cara...

— *Desconhecíamos este compadrio...!*

Evidentemente, noutro tempo (no tempo da miséria) não havia ocasião de criar estas relações divinas de amizade, de comunidade cristã.

— *A gente vivia muito mal! A nossa família era muito, muito grande...!*

Entretanto deixámos a jovem, feliz, naquela sua casa que Pai Américo trouxe da África Portuguesa e que, agora, é um relicário histórico. Ela estava muito alegre com o seu afilhado!

Seguimos por aí acima, à sede do concelho, regularizar a papelada do fornecimento d'água para outros que os responsáveis acharam também servir. Servir os Pobres.

Como o mundo, este mundo seria bem melhor se os políticos se virassem a dar aos Pobres aquilo que eles precisam!

PARTILHA — Um cheque da assinante 8047, de Lisboa, que volta a repetir que *«é sempre com muita alegria que recebo O GAIATO e vou acompanhando as vossas alegrias e tristezas»*.

Assinante 45864, de Lisboa, presente com 15 euros comentando que *«O GAIATO deixa-me sempre dividida com amargura e alegria. Por um lado é a fealdade do mundo que continua não dar lugar a todos os que o habitam. Por outro, o meu coração agradece ao Senhor a existência de ideais, persistência, paciência e grande solidariedade. Neste mundo sem norte, em que as experiências educativas se*

sucedem sem nexos, num convite enganoso ao fácil, ao prazer, num pecado imperdoável de engano, vejo a pedagogia do trabalho, da responsabilidade, da honestidade com a ajuda de Deus em vossas Casas. Deus seja louvado! Seria tão fácil trazer à TV esses testemunhos.

Porto: um pequeno contributo *«para as vossas obras. Tenho uma mão com 89 anos com imensa pena de já não conseguir ver o suficiente para ler o vosso Jornal, mas o meu filho mais novo, que tem 21 anos, é um leitor assíduo»*.

Duzentos euros *«para uma modesta ajuda destinada aos vossos Pobres»* enviados pela assinante 34220, de Canidelo — Vila Nova de Gaia.

Madalena — Vila Nova de Gaia, oitocentos euros por cheque pela mão do assinante 7745.

«Mais uma migalhinha», de Lourdes, Cacém. *«É pouco, mas dou tudo com muito carinho. Deus nos dê saúde a todos nós. E bem hajam»*.

Quinhentos euros, *«donativo que vos mando para as maiores necessidades, de um anónimo de Matosinhos»*.

Em nome dos Pobres, muito obrigado.

PAÇO DE SOUSA

DESPORTO — Os Iniciados receberam agora a visita do Clube Futebol de Perosinho. Foi uma tarde bem passada com toda a gente bem disposta. Apesar dos atletas se terem deslocado na camioneta do Clube, os pais fizeram questão de os acompanhar viajando nos seus carros particulares. Junto ao campo de futebol ficou tudo cheio de carros. Bom sinal. Não é necessário fazer «Portos-Benficas» para arrastar gente aos campos de futebol. Assim como também, infelizmente, não é necessário ver jogos oficiais para se constatar que há

sempre um ou outro que não está satisfeito com a arbitragem. No entanto, toda a gente que se deslocou à nossa Aldeia, saiu satisfeita e deu por bem empregue o seu tempo.

Falando agora um pouco sobre o jogo, não poderia ter corrido melhor. Ganhámos, é certo, mas não é pelo facto de se ter ganho, que dizemos que tudo correu bem. Já diz o velho ditado: «Nem só do pão vive o homem». Quando todos os intervenientes se entendem e colaboram na festa do futebol, que mais cremos?! Foi um jogo bem disputado e ligeiramente duro de parte a parte, mas, ninquém (...) perdeu o discernimento. Começamos por marcar o primeiro golo, e, dos quatro que marcámos, este, da autoria do Fábio, foi de se lhe tirar o «chapéu». Feito de cabeça e a pensar com a mesma. Parabéns Fábio. Não te envaideças e continua a jogar para o colectivo. Um jogador excessivamente individualista, não é, nem pode ser, considerado como bom jogador. Quem tem estado a subir de rendimento, pelo esforço que tem feito, é o Rogério. Muito embora durante a semana precisasse de dar umas corridas até à mata.

Os Seniores também realizaram o seu jogo deste fim-de-semana. Mas... nem tudo foram «favas contadas». Ao contrário daquilo que temos vindo a dizer, desta vez gastaram mais saliba do que o habitual, para darem troco ao adversário. Mau sinal. Tinham pela frente uma equipa, que em meu entender, estava perfeitamente ao nosso alcance, com um pequeno senão: mais matreiros e sabidos. Fiquei com a ideia que os nossos rapazes entraram em campo com a ideia fixa de que o resultado mais provável, seria a derrota. Ouvi mesmo dizer: «... desta vez não ganharemos». Não pode ser assim. O tempo daqueles que ganhavam tudo com a cor da camisola, já acabou!... O que é preciso é que se jogue mais futebol e haja menos conversa. É uma arma que quase todos aqueles mais experientes nestas andanças,

usam como «arma» para mexer com a cabeça do adversário. Vamos lá acordar, que já são horas!...

Alberto («Resende»)

MIRANDA DO CORVO

ESCOLA — Está a chegar ao fim mais um ano lectivo, no qual alguns se esforçaram e obtiveram bons resultados; outros, nem por isso; e ainda outros, que não quiseram estudar.

Os que não quiseram estudar fizeram mal, porque hoje não se encontra nenhum trabalho sem, pelo menos, se ter a escolaridade obrigatória.

Para alguns, chegou o momento crucial do ano, pois vão ter de fazer provas globais, o caso do Ângelo, do David, do Manuel António e o meu, que vou ter de fazer os exames.

Boa sorte nos estudos e nos exames para todos.

PROFISSÃO DE FÉ — No dia 16 de Junho, oito dos nossos rapazes fizeram a Profissão de Fé, onde eles (Bruno, Marco, Fábio, Carlos, Bruno, Carlos «Velhinho» e Rúben) assumiram seguir Deus.

No mesmo dia dois irmãos, o Carlos e o Néelson, fizeram a Primeira Comunhão e, a partir desse dia, já poderão receber o Corpo de Deus e de estar em maior harmonia com Jesus.

Todos eles foram preparados pelas catequistas e pelo Padre Francisco, a quem queria agradecer por nos ter ajudado.

VISITAS — No dia da Profissão de Fé e Primeira Comunhão, recebemos a visita de pessoas amigas que vieram de Tomar.

Participaram na nossa Missa, ofereceram roupas e produtos alimentares e estiveram connosco um bom bocado.

Desde já queria agradecer a disponibilidade de nos terem vindo visitar, e voltem sempre!

DESPORTO — No dia 15 de Junho, estivemos na Casa do Gaiato do Tojal, onde passámos um dia de convívio e realizámos uma partida de futebol.

No jogo que disputámos saímos derrotados, mas o convívio continuou.

Nesse dia, tanto eles como nós divertimo-nos imenso e não foi por termos perdido o jogo que deixámos de conviver com os nossos colegas do Tojal.

João «Pequeno»

Nas ruas de Lisboa!

Nas ruas de Lisboa
Há jovens que cantam
Seus sonhos e amores!
Gastam em demasia
E exigem ainda mais
Às suas famílias.

Há marginais
De todas as cores
Que não dançam
Nas margens melancólicas
[do Tejo]

Nas ruas de Lisboa
Há turistas que comem,
Bebem e compram...
Exibem seus dedos
Regaços e orelhas
Que valem fortunas

Há marginais que comem
Um pedaço de lua
E depois tombam
Perante as suas vicissitudes.

Nas ruas de Lisboa
Há idosos que se riem
E divertem
Com seus netos!
Em automóveis
Da cor dos sóis.

Há marginais
Que caem e exibem
Sangue e cicatrizes
Virados para o céu.

Manuel Amândio

SETÚBAL

VACARIA — Tivemos uma avaria no tanque do leite. Estivemos a alterar a instalação eléctrica de onde surgiu a avaria. Isto obrigou-nos a lavar o depósito e, à mão, fazer a ordenha fora de horas. Enquanto não veio o técnico fazer a reparação definitiva controlámos a temperatura do leite manualmente. Isto é muito importante porque o leite se poderia estragar ou avariar o compressor.

ANTIGOS GAIATOS — Para o dia 7 de Julho estamos a preparar a festa com eles. As suas mulheres e os rapazes mais pequenos fazem jogos de manhã. O pessoal maior do jogo da bola, de tarde, a que se segue a entrega da taça. Depois vamos ao banho na piscina enquanto a sardinha e os couratos estão a assar. Às seis começa a merenda acompanhada por música e danças. No final rezamos o Terço e seguimos para a cama.

ESCOLA — Acabou e estamos todos contentes porque se estão a iniciar as férias. Houve gente que aproveitou o ano e também quem não teve aproveitamento. Acho que a escola é muito importante para quando formos maiores possamos ter um bom ofício. Alguns rapazes não conseguem compreender isso, mas um dia mais tarde irão compreender.

FÉRIAS — O primeiro grupo vai para a praia no princípio de Julho. Vamos para a nossa casa de férias da Arrábida durante um mês. O pessoal já estava farto de pensar nas férias e desejando que a escola acabasse, para se bronzear na praia e se divertirem.

Rui («Rato»)

TÍLIA — Está na altura de apanharmos a tília. Os «Batatinhas» é que estão a fazer esse trabalho. Metem as folhas nuns sacos e a D. Conceição mete numas caixas abertas para secarem. Depois são outra vez metidas nuns sacos para guardar, para fazer chá de tília.

FALTA DE ÁGUA — Ontem não tínhamos água para lavar as mãos nem a cara! Chamámos o Zé Arlindo e descobriu um ninho de palha com penas que estava a tapar um dos tubos. Tirou a palha toda e ficámos com água outra vez. Também havia um ninho ao pé da bomba de água. O senhor padre Júlio falou connosco, no fim do Terço, a explicar o que tinha acontecido, para a gente ficar a saber.

DEPÓSITO — Ontem o senhor padre Júlio disse à gente que eram precisos uns



Moçambique — Regresso à Massaca depois do trabalho.

MOÇAMBIQUE

ESCOLA — Até ao momento está a correr tudo bem. A malta do segundo grau e da Secundária está a empenhar-se muito porque as avaliações finais do semestre batem-nos às portas e nós queremos ter sucessos.

CATEQUESE — Foi um pouco tarde, mas iniciámo-la. Temos vinte e oito meninos em preparação para o Baptismo. E estamos ansiosos por que os nossos irmãos recebam o seu Primeiro Sacramento.

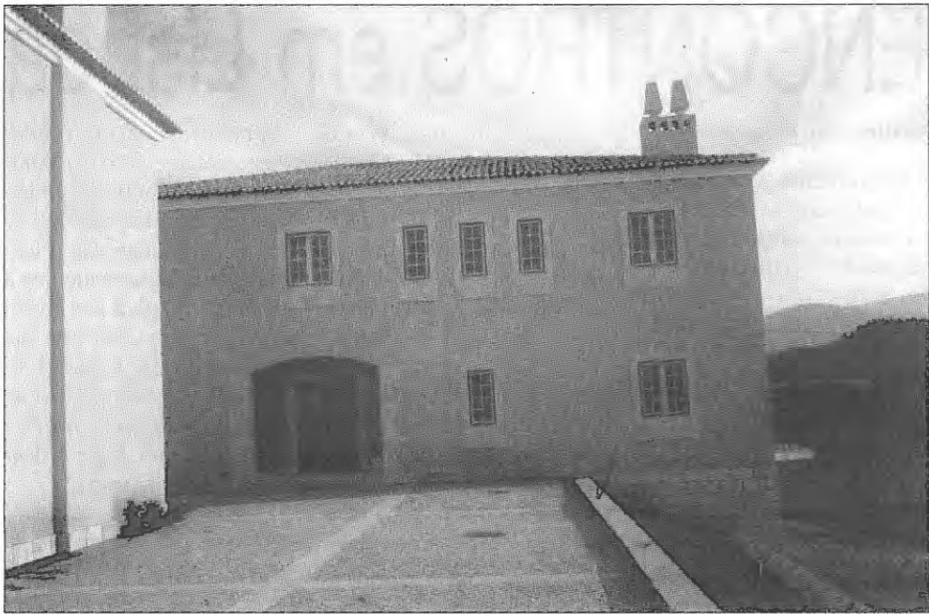
POMAR — Está a crescer cada vez mais. Os nossos rapazes já andam na apanha da laranja que tem enriquecido as

nossas refeições. As mangueiras já se encontram carregadas de flor. De certeza as nossas refeições irão beneficiar das mangas no tempo próprio.

VACARIA — As nossas vacas estão agora a produzir trezentos litros de leite por dia, parte para o nosso pequeno almoço e o resto para ser vendido. Este aumento de produção é implicado pelo aumento do rebanho, apesar de por vezes termos algumas mortes, como num destes dias uma vaca abatida por uma mina perdida no lugar do pasto.

FUTEBOL — No dia 19 de Maio tivemos um jogo entre professores e alunos no nosso salão, uma vez que o campo de futebol de onze ainda está em obras. Vencemos por 6-1.

Manuel Chauque



Um edifício da Casa do Gaiato de Miranda do Corvo.

Tribuna de Coimbra

Continuação da página 1

acompanhamento no espaço escolar: técnicos auxiliares em número e em qualidade.

Parece-nos que as coisas andam melhores pelo Secundário. Pena é que a área da formação profissional, tão necessária e oportuna, viva tão dependente dos subsídios financeiros, quantas vezes condicionantes para que determinado curso arranque. Não sabemos o

que vai acontecer quando estes fundos deixarem de ser injectados...

Esperamos que o próximo ano lectivo nos traga novidades e mais esperança. Que não se confirmem alguns receios em relação à concessão de apoios financeiros e recursos humanos nesta área tão sensível como é a da educação dos nossos jovens.

Padre João

Cartas

Voto cumprido

«A carta publicada n'O GAIATO de 23 de Fevereiro, faz-me sair um pouco de mim a 'actualizar a minha assinatura' com mais de dez anos de atraso! Era intenção de minha mãe fazer uma oferta para O GAIATO. Faleceu sem o ter podido fazer! É em sua honra que cumpro, com muito gosto, o seu desejo, esperando não a decepcionar.

Muito obrigado pelas vossas palavras de amor tão dedicadamente colocadas no 'jornalito', sério, assente na

verdade, denunciador da mentira e anunciador da Boa Nova, e que 'faz bem ao coração'.

Assinante 50947»

Obrigado por tanto Bem!

«Envio um cheque, pequenina oferta para tão grande Obra!

Sou herdeira d'O GAIATO, digo assim porque minha Mãe foi sempre dele! Nos fins de vida e durante ela muito a ajudou — até perto dos seus noventa anos. Eu estou com 82 e perfilho da mesma opinião. É uma riqueza espiritual!

quantos rapazes para lavar o depósito da água, e escolheu o Paulo Cafivela, o Mário Jorge e o João Luís. Eles estão lá a limpar o depósito desde manhã cedo. Só é chato estarmos em água outra vez. Nestas alturas é que a malta vê a falta que a água faz!

Carlos Jarreta

Associação dos Antigos Gaiatos de Lisboa

CONVÍVIO — Como é do conhecimento de todos nós a Associação dos Antigos Gaiatos, tenta existir para que não esqueçamos as nossas origens. Por isso, venho por este meio lembrar e convidar-te para o dia 16 de Julho, dia de Paj Américo, estares presente na festa que se irá realizar na casa de praia em Sintra. Contando já

com a tua presença e família, (ai daquele que diga que está de férias), precisamos a tua confirmação até 6 de Julho o mais tardar, a fim de se conseguirmos tudo o que é necessário.

O programa será assim:
10.00 h, chegada
12.00 h, Eucaristia
13.00 h, almoço
15.00 h, surpresa
17.00 h, merenda (como de costume contamos contigo, bolos, sumos).

Os pontos de encontro serão a partir do Hockey Clube de Sintra (onde haverá uma seta a indicar o caminho para a quinta), estação dos comboios (haverá alguém à espera no máximo das 9 h. às 10.30 h) e quem tiver dificuldades poderá ser na nossa Casa do Tojal logo pela 9.00 h, o número de telefone para confirmação é o 21 937 86 70 Manuel Coco ou quem atender. Para que tudo corra bem, só já falta chegar o dia e claro a tua presença. Quase me esquecia poderás trazer o fato de banho para mergulhar na piscina.

Luís Miguel Fontes

Ainda

Ainda hei-de fazer
Mais anos!
Ainda hei-de esclarecer
Mais contos e encantos!

Ainda não é hora
Para meu balanço.
A minha memória
Vai guardando
O meu gosto de viver
O passado, o presente e o futuro!
E também não me canso
De alertar e de prever
Este mundo
Claro e escuro!

Ainda amo
O sol poente
Porque nele
Há sempre
Um dia seguinte
Com a alegria que resiste!

Ainda acredito
Que a vida
Constrói-se com harmonia
E sensato equilíbrio!
E nunca com guerras,
Nem represálias nem tristezas.

Manuel Amândio

Benguela

Continuação da página 1

caso das crianças? Todos os dias encontro-as a vaguear pelas ruas da cidade. Dá-me vontade de pegar nelas e trazê-las para a nossa Casa do Gaiato. Mas a maior parte não é para uma Casa do Gaiato. Têm alguma família que pouco ou nada faz por elas. Não andam na escola e, quando são matriculadas, deixam-na por causa da rua e algum sustento que lá encontram. Ah, se aparecesse algum louco ou louca de amor por estes vadios e os acolhesse temporariamente em casa adequada, até recuperarem o mínimo de estabilidade e acompanhasse também a família! São caminhos difíceis de percorrer porque exigem morrer para toda a forma de egoísmo e, assim,

perder a vida. Contudo, esta é a única forma de ver a criança.

Há três dias chegou um pequeno que diz ter vindo do Cubal. Era já ao fim do dia. Quando assim acontece, come e dorme e conversamos no dia seguinte. Não disse a ninguém onde ia dormir. Fiquei surpreendido, quando um companheiro o levou a repousar numa das camas da nossa enfermaria. Não me lembrei mais dele para conversarmos. Ontem perguntei-lhe quando se ia embora, que não o podia ter mais tempo. Respondeu-me que ficava em nossa Casa. Como podia ser doutra forma? Escorraçado do lugar onde vivia. Desconhecido e anónimo por onde passou. Quer ficar onde se sente amado. Não sei bem o que hei-de fazer. Uma coisa é

certa: não vai ficar mais abandonado. Quero que seja um homem com quem Angola pode contar e não mais um peso morto, sem futuro definido. Queremos abrir as portas para o futuro.

Olho com muita esperança e com algum medo para o caminho aberto da formação profissional dum grupo de rapazes, a preparar-se num Centro da especialidade. Tenho medo que falhem. Um já falhou. Vivia fora da nossa Casa, mas pus nele confiança suficiente para o matricular. Falhou. A esperança é maior naqueles que ficaram. É o bem deles que está em causa. As portas que os acolheram hão-de continuar abertas. Educar é semear. A semente é igual para todos os campos, mas os terrenos são diferentes. O semeador semeia com amor. Quando assim é o trabalho não se perde nunca.

Padre Manuel António

DOCTRINA

Uma história



ERA uma vez em Coimbra, dentro de uma casa de muitos moradores, cada um em seu quarto do tamanho de uma caixa de fósforos, o qual aposento serve de sala-de-estar, quarto de dormir, cozinha e o mais. Eu sabia da vida de um casal em um desses quartos. A luz dava por uma nesga. O marido caíra de cama e a mulher cansada de procurar o sustento da família, também caíu e morreu.

DEVIAM ser umas nove horas, em uma tarde de Julho daquele ano. Entrei. Havia ais aflitos da criancinha, então de sete meses. Quis saber a causa dos gemidos. Acendi um fósforo. O pai estava a dar-lhe papas de leite mas, por causa da escuridão que fazia, enfiava a colher nas orelhas, julgando fazê-lo na boca! Daí os gritos.

TOMEI a criancinha nos meus braços e coloquei-a na Rua da Trindade onde, por muito tempo, foi o ai Jesus dos Pupilos do Lar. Aqui se mostra hoje o meu pequenino Rui, ao pé do mais velho do Lar, em vésperas de partir para a Casa do Gaiato onde também vai ser um ai Jesus por causa da idade que tem. É o nosso mais pequenino. O pai continua doente, na cama. — Dou-lhe o meu filho. Fez-me essa declaração solene, num dia em que as dores eram maiores. — O Rui é seu — disse. As dores eram maiores. Há Obras que se não compreendem sem se haver sofrido muito. Eu trago comigo, no meu peito, a dor que o pai sofre com a ausência do seu filho! Sempre que o pequenino corre para mim, vem esta suave amargura fazer sangue, valorizar a Obra da Rua, chamar por quem ajude.

D. Amâncio

(Do livro Pão dos Pobres — 4.º vol.)

Obrigada por tanto bem que fazem. Deus nos abra os olhos para as grandes Obras existentes — são o programa de vida para cada um de nós, pois só assim chegaremos à Paz, Justiça e Amor.

Assinante 10352»

Estímulo para mais e melhor

«Li todo O Calvário, II volume, e encontrei nele um grande estímulo para poder fazer mais e melhor pelos Outros. São livros como este que nos estimulam e nos fazem ver melhor o sofrimento que muitas vezes perto de nós mesmo, à nossa porta, e que por vezes nem nos tínhamos apercebido disso.

Assinante 27742»

A favor de tantos Pobres!

«Bem hajam pelo trabalho que realizam a favor de tantos Pobres...!

Deus precisa cada vez mais da vossa atenção ao mundo.

Fico grata pel'O GAIATO que nos enviam quinzenalmente e nos 'tocam' com os artigos lá contidos.

Continuem sempre...!

Assinante 11778»

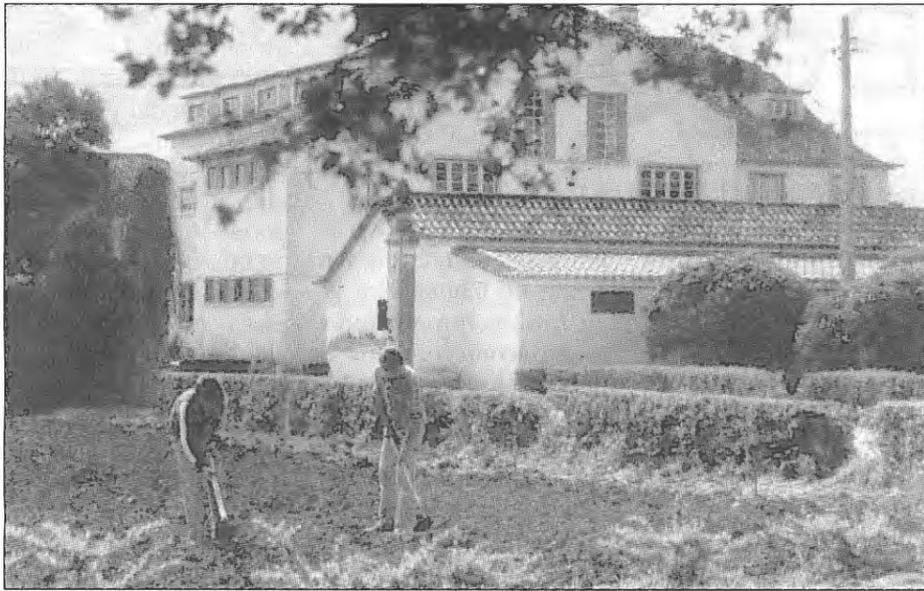
Partilha

«Chamei-vos Amigos porque vos fiz conhecer tudo o que ouvi a Meu Pai' (Jo 15,15).

Também vos chamo Amigos porque me fazeis conhecer o Pai no amor que partilhais connosco em O GAIATO.

É Março, altura de enviar o contributo para a minha assinatura. Junto um cheque para esse fim ou outro que achardes mais urgente.

Assinante 21846»



Dois deles ocupados com a horta, na Casa do Gaiato de Santo Antão do Tojal.

Praticando o Bem

Continuação da página 1

que até a criancinha, um menino de dez meses, tinha apanhado, que é diabética em último grau, que não tem nada, que fugiu para uma barraquinha da falecida mãe com luz e água cortadas!, etc. etc.

O coração fica esmagado sem ver saídas!

Pego nela, no carro, deixo tudo, e vou ver e ouvir pelo caminho os dolorosos e sofridos relatos de quem se vê desprotegida, consolado com o sentimento de que sou a mão de Deus!

Ligar, de novo, luz e água urge apresentar documentação da posse legítima da casa.

Tudo legal. Mas ela não tinha provas.

O tempo passou.

Nada resolvido.

Deixei dinheiro depois de lhe ter pago um quebra jejum e vim-me embora acelerado, preso àquela tragédia.

Chego a Casa e logo mais duas mulheres, mães de família se apresentaram como não tendo nada que comer, os maridos doentes, e os filhos a sofrer.

Almocei tarde, mas durante a refeição fui avisado que tinha uma senhora à minha espera. Era o problema da luz e da água.

Chegado ao escritório atendi logo outra com uma filha deficiente.

Os pobres são como as formigas. Onde descobrem amparo, para lá fazem carreiro. É nosso dever estar atento e dorido, como agentes da Providência.

Quero ver se consigo, ao menos uma tarde por semana deixar tudo — embora a vida da Casa seja um nadar contínuo no oceano infinito da Providência — e ir por aí a diante contemplar e digerir para escrever e pregar.

Padre Acílio

PENSAMENTO

Não pode olhar para trás, quem uma vez lançou as mãos ao arado.

PAI AMÉRICO

África

COMEÇOU em 10 de Junho, em Roma, a segunda Cimeira Mundial contra a Fome denominada «Cinco Anos Depois» e, afinal, um ano adiada pelo receio de repetição de violências que, em Julho de 2001, envolveram a reunião dos Chefes de Estado dos oito países mais ricos do mundo (G8) em Génova; e também pela perturbação deixada pelo atentado de 11 de Setembro nos Estados Unidos. Mesmo assim cinco mil polícias foram mobilizados para a segurança do encontro organizado pela FAO que conta cento e oitenta países membros. Mas poucos destes estiveram representados pelas suas figuras cimeiras, que outros problemas terão prioridade sobre a Fome que não é a deles.

A Cimeira de 1996 fixou, para 2015, o número de habitantes da Terra vítimas deste flagelo: quatrocentos milhões. Mas, actualmente, as estatísticas contam oitocentos e quinze milhões dos que sofrem de fome. E, a mostrar-se a cadência que tem sido, em 2015 ainda serão seiscentos

milhões, duzentos acima da meta estabelecida há seis anos. Deste número total de pessoas com fome, vinte e sete milhões pertencem a países em transição, onze a países ditos desenvolvidos, e setecentos e setenta e sete a países em desenvolvimento. Relativamente a estes, o «Programa Mundial de Luta contra a Fome» que a FAO propõe, «estima em vinte e quatro biliões de dólares o custo anual dos investimentos suplementares necessários, os quais incluem a melhoria: da produtividade agrícola, das infra-estruturas rurais e do acesso aos mercados; da investigação e aprendizagem; e também da gestão dos recursos naturais». E o projecto da FAO não dispensa os próprios países em desenvolvimento de gerir os seus recursos de modo a «aumentarem em 20% os seus orçamentos para a agricultura».

Um objectivo difícil, diz o Director Geral da FAO, mas possível se existir vontade política — penso em que de todos: os países mais ricos que podem e devem ajudar; e mais pobres que têm de aprender a governar-se.

Ora a Cimeira que começou em 10 de Junho, terminou em 13... «sem decisões concretas», leio na breve notícia que dá o Jornal de que tirei todas estas informações: «Os países membros reafirmaram a vontade política de reduzir para metade o número de pessoas atingidas pela fome, mas não disseram como o vão fazer. E, com um ramalhete de lugares comuns, o Primeiro Ministro italiano, anfitrião e presidente da Cimeira, encerrou-a» duas horas antes do previsto, para acompanhar o jogo Itália-México do Mundial de futebol.

Entretanto no Canadá onde decorria mais uma Cimeira dos G8 para tratar de outros terrorismos e não o da Fome, uma centena de pacifistas e ecologistas gritava, frente ao local da reunião, e «outra globalização é possível». (...) com «políticas mais justas na distribuição da riqueza, que evitem pobreza e protejam o meio ambiente, em vez de acentuar as desigualdades». E lembravam que, à escala do mundo, «os problemas básicos da alimentação e saúde poderiam ser solucionados com o dinheiro das duzentas e vinte cinco pessoas mais ricas do planeta».

Assim vai a Humanidade, entre Cimeiras, ficando cada vez mais na mesma!

Padre Carlos

ENCONTROS em Lisboa

Continuação da página 1

O problema pode começar pela família que chega cansada do trabalho do dia, se fecha no seu apartamento, sem criatividade nem disponibilidade para falar, rotinizada e sem espaço para um adolescente poder criar relações. Confrange ver como muitas famílias não têm qualquer relação com outras famílias criando grupos alargados de amigos onde os adolescentes, carente de relacionamento, possam espriar-se e conviver. Para estes adolescentes a vida do seu apartamento, à noite e no fim-de-semana, é um sofoco. Poderíamos dizer que é quase normal que queiram sair e encontrar espaços onde o vazio social possa ser colmatado.

Depois vem a escola. Muitos dos meus miúdos se queixam da impessoalidade aí reinante e ao mesmo tempo da divisão por não se sabe bem quantas competências de professores, cada um com sua maneira de ser, o seu método e a sua exigência disciplinar. As coisas acontecem e só muito mais tarde os encarregados de educação sabem, porque a máquina quando se põe a funcionar é demasiado pesada. Este ano, aconteceu-me que um problema demorou dois meses e meio a encontrar uma solução. Nessa altura já nem lembrava e o miúdo já estava num outro movimento. Aqui, a interligação com a família vai funcionando mal. Não será só por parte da escola. Basta ver que a família, em muitas ocasiões se encontra completamente ausente da vida dos seus filhos.

Em terceiro lugar vem o mundo do trabalho. Continuamos sem alternativas credíveis na fase da adolescência para os jovens que se encontram com problemas escolares. Ficam a detestar a escola onde nada de interessante se passa e não há forma de lhes dar a mão preparando-os para a inserção no mundo do trabalho. Ficam desocupados e, desde há muito se sabe que o ócio traz consigo todos os vícios.

As políticas sociais, a reflexão escolar, o grito das famílias têm encontrado pouco caminho nos dias de hoje.

Podíamos continuar. Ficamos por aqui, sabendo que a pior solução para um jovem no seu crescimento e na sua adolescência é deixá-lo entregue a si próprio, vendo ele que encontra muitas hipóteses para fugir à descoordenação reinante.

Padre Manuel Cristóvão



Alexandre, Gilberto e Néelson nas férias aproveitam erva para o gado. Na Casa do Gaiato nada se perde.

SETÚBAL

Mulheres heróicas

SÃO diversas as situações que nos vão surgindo, de mães sós que nos pedem para recebermos seus filhos. Elas foram abandonadas e não querem ver seus filhos no abandono.

São mulheres heróicas, com três ou quatro filhos, vítimas da fraqueza do *sexo forte*. De homens vencidos pelo vício, que não têm ou perderam o sentido das obrigações.

Mulheres entregues a si próprias e com plena responsabilidade na educação dos filhos; as despesas da casa e por vezes de amas que lhes recebem as crianças, enquanto labutam de manhã à noite na recolha do pão.

Para elas não há rendimentos mínimos ou inserção social que lhes valha; elas trabalham, por isso não podem usufruir deste apoio social destinado a quem não trabalha.

Também não usam de subterfúgios para enganar; elas são as enganadas.

Não fazem reivindicações, mas as suas vidas denunciam a imoralidade e a injustiça; e como é difícil para a sociedade organizar-se de modo a chamar cada um aos seus deveres, agora estrategicamente mais sensível aos direitos.

Cada mãe destas, é uma alavanca da sociedade. Nós somos o ponto de apoio, o fulcro, para o seu agir.

Ao contrário da heroicidade destas vidas, o culto do puro egoísmo ou da fraqueza em assumir situações difíceis na vida. O nosso tempo, de bem-estar, é pródigo em situações tais.

É um convite ao menor esforço, que a própria Lei faz lei. Não queremos que se pregue moral ou quaisquer normas de conduta, mas que se eduque para a responsabilidade. Não a tão falada que abre sempre uma escapatória quando surgem as complicações, mas a que vincula cada acto humano ao seu autor, condição para que o homem seja adulto e livre.

Se alguma vez o mundo não esteve na mão das mulheres, talvez seja no nosso tempo, contrariamente ao que parece.

Padre Júlio